

EDUCAÇÃO LÍQUIDA? O MÉTODO EAD E O VIRTUALISMO NO CONTEXTO EDUCACIONAL: UM DIÁLOGO COM ZYGMUNT BAUMAN

Cláudio Pellini Vargas*

Resumo

Este artigo tem por objetivo uma análise crítica de uma experiência vivenciada no método de ensino da Educação a Distância (EAD). Por meio de reflexões à luz da sociologia humanista contemporânea de Zygmunt Bauman, o texto tenta revelar como a fragilidade dos relacionamentos humanos e o controle fazem parte do processo.

Palavras-chave: EAD. Relacionamento. Controle.

INTRODUÇÃO

Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza.

(Anthony Giddens)

É nítido que a tecnologia assume grande importância, afetando, de forma direta e indireta, a Educação na contemporaneidade. Presenciamos hoje a chegada de diversas ondas de possibilidades oriundas de um profundo oceano científico informativo e instrumentalizador. Tal movimento de ondas arrebenta sobre nós com uma velocidade absurdamente maior do que nossa própria capacidade de formular conceitos éticos e/ou educacionais para assimilarmos com clareza tais informações. Alunos de diferentes níveis, professores, administradores e gestores demonstram ser envolvidos pelas certezas e incertezas provenientes das tecnologias de informação e comunicação (TIC's) do mundo globalizado, que parecem se apresentar como soluções para as dificuldades educacionais existentes no país. Acreditamos que tal processo sustenta e agrava uma situação delicada nos últimos anos. Moreira e Kramer (2007, p. 1042) explicam:

Atribuem-se múltiplos sentidos à presença das TIC no ensino, vistas como contribuindo para que: se superem os limites das “velhas tecnologias” (ilustradas pelo quadro-de-giz e por materiais impressos); se solucionem problemas pedagógicos com que o professor se depara; ou, ainda, se enfrentem questões sociais mais amplas. É como se as TIC fossem dotadas de poder miraculoso! Nessa perspectiva, deixam de ser entendidas como produções histórico-sociais, sendo vistas como fontes de transformações que consolidariam a *sociedade da informação ou do conhecimento* – expressão da qual estão ausentes os elementos sociopolíticos do “novo” arranjo social.

Bauman (2007) afirmou que vivemos em tempos líquidos, ou seja, tempos nos quais as instituições e/ou organizações sociais não podem (e nem conseguem) permanecer com a mesma forma por muito tempo. Tal contexto parece aprisionar

* Mestrado em Educação pela UCP/RJ, Especialista em Psicologia do Desenvolvimento Humano – UFJF / MG. prof.pellini@yahoo.com.br

o homem por todos os lados, mesmo nos espaços em que a educação atua, pois ela também se modifica na medida em que se criam novas políticas, novos modelos, novas formas etc (um fato que talvez ocorra em virtude dos próprios variados métodos de ensino já existentes). Há uma preocupação demasiada com o que vem a ser educar e com o como fazê-lo. Por isso, vale perguntar: a educação será uma questão apenas de metodologia? *Educação, Educare, Educere, Educatio, Educatio*, quantas são as origens? Quantas são as crenças histórico-sócio-culturais? Em tal contexto, arriscamos a dizer que parece ser mais fácil dizer o que não é educar.

Na fase atual e líquida da modernidade (BAUMAN, 2001), ou seja, uma fase muito mais dinâmica do que o seu próprio início, observamos as mais diferentes identidades estudantis. Alunos tímidos, reprimidos, agressivos, questionadores, conservadores, outros liberais, enfim, uma multiplicidade de educandos se espalha pelas diversas escolas e universidades do país e do mundo. Tal variedade, por vezes, transmite sensações de insegurança aos docentes, que necessitam constantemente de preparo e atualizações na sua formação continuada. As aulas em formato tradicional apresentam significações diferenciadas na contemporaneidade e os estudantes demonstram novas exigências nas questões didático-metodológicas, que são influenciadas também pela aceleração “líquido-moderna”. Belloni (2002) alerta que as novas gerações estão desenvolvendo novos modos de perceber e aprender, algo ligado a experiências mais completas, em contraposição aos métodos “bancários” de conhecimentos abstratos, frequentemente vistos na escola. Se isso for verdade, continua a autora, a instituição escolar corre o risco de perder a capacidade de contato com as novas gerações que ela deve educar.

Nesse espaço de transformações e novas exigências didático-metodológicas, a educação abre suas portas para as tecnologias e parece corporificar três situações, de acordo com Moreira e Kramer, (2007): um primeiro cenário seria o da *tecnocracia domesticadora*, onde o indivíduo torna-se escravo da tecnologia devido a uma multiplicidade de in-

formações passageiras e fragmentadas. A escola é retirada de seu papel e trocada por modalidades de ensino; um segundo, que salienta a exclusão, seria a preferência por professores com habilidade técnica maior do que a da crítica da produção ou do uso das TIC's. Esse é o do *pay-per-learn*, onde a rede é tida como veículo de educação para todos, mesmo com escolas estruturalmente muito diferentes; há ainda um terceiro cenário, chamado *cibereducação integradora*, onde o homem se educa criticando e transformando o ambiente, direcionado por critérios que incentivem sua humanidade. A escola passa a ser híbrida, integrando homem e tecnologia. Os autores continuam e questionam: qual cenário será consolidado no jogo de forças do poder econômico social?

Diante de tal questionamento, apresentamos nosso trabalho objetivando problematizar alguns efeitos que podem advir do processo de ensino a distância mediado pelo virtualismo, relatando uma experiência com o método. Cientes de que alguns dos fatos citados também podem ocorrer no método presencial, nossa intenção é alertar para situações, talvez, “encobertas” em sua dinâmica.

Dialogamos, principalmente, com a sociologia contemporânea de Zygmunt Bauman. Em um primeiro momento, argumentamos: não será o método a distância mais uma forma de fragilizar as relações, já tênues atualmente, entre professor e aluno? Na segunda parte, questionamos: não será a E@D também mais uma nova forma instrumentalizadora de controle excessivo sobre os estudantes?

A FRAGILIDADE DAS RELAÇÕES HUMANAS NO VIRTUALISMO

O homem coetâneo se relaciona pela “rede”- termo que, segundo Bauman (2008), já está substituindo “sociedade”. O crescimento de tal processo de relações, entretanto, parece gerar consequências dos mais diversos tipos. Ao passo que a velocidade e fluidez favorecem a comunicação de informações, as mesmas mostram uma capacidade de dificultar vínculos, os quais, para a educação, acreditamos importantes.

A intensificação das relações pela rede atingiu também as instituições educacionais. Observamos hoje um intenso processo de expansão^a da EAD no Brasil, fato que colabora com uma redução bastante sensível no tempo de contato entre professor e aluno. Tal expansão parece ser resultado da receptividade e dos elogios constantes – que observamos principalmente por parte dos próprios usuários – das modernas formas de relacionamento possibilitadas pelo virtualismo. Acreditamos existir um discurso de fetiche sobre o ciberespaço, uma localidade virtual que é dotada de um poder que configura a realidade contemporânea. De acordo com Bauman (1999, p. 26), “(...) a combinação extraordinária e assustadora do etéreo com a onipotência, do não-físico com o poder conformador da realidade”, está autenticada no encômio constante a uma “libertação”- que parece corporificada num local “eletronicamente sustentável”. Mrech (2003, p. 124) completa e explica que “a Informática se apresenta como a imagem jubilosa de algo que deu certo. Ela se torna o **caminho** da humanidade. Já que a comunicação na Terra não está dando certo, que tal uma chegadinha até o ciberespaço?”. Assim, as relações virtuais passam a estar na “crista da onda”, substituindo as reais.

Quando falamos nesses tipos de relacionamentos, obviamente, falamos em estarmos conectados pela rede. Esse aparato informatizado possibilita ao indivíduo expressar-se, mas simultaneamente, parece favorecer a diversas possibilidades de fuga da própria expressão. Explicamos: muitos indivíduos parecem ter mais “coragem” para falar (digitar) por trás das telas do computador. Assim, é comum verificarmos pessoas chamando umas as outras para “baterem um papo” virtual nos sites e softwares de relacionamento. Começa assim o “jogo da conquista”, onde cada um usará suas habilidades para seduzir à distância. Mas ao primeiro sinal de desapontamento com o outro, qualquer um dos envolvidos pode “desaparecer”, fato que desencoraja um estreitamento de ligação afetiva.

Trazendo tal comportamento para o contexto educacional, acreditamos que uma relação virtual abalada entre

professor e aluno no método EAD, também pode ser “deletada” facilmente antes de se tornar uma perturbação. Avançando um pouco mais – e sem esquecermos que turmas de centenas de indivíduos são fatos comuns no ensino a distância virtual contemporâneo – se o professor está com pressa, basta ficar “invisível” ou “indisponível” e seu aluno não o incomodará; se está insatisfeito, basta-lhe um clique no “fechar” (e é só dar a desculpa de que houve problema técnico na conexão). Dessa forma, as redes – e a E@D – mostram um paradoxo: são capazes de espalhar e ampliar vinculações lânguidas (entre laicos nos sites de relacionamento ou entre professor e aluno no método EAD). Bauman (2004) questiona quais seriam os méritos da linguagem da conectividade que estariam ausentes da linguagem dos relacionamentos reais. O autor completa dizendo que, de forma diferente dos relacionamentos reais, é mais fácil entrar e sair dos virtuais.

Assim, as redes - e a E@D - facilitam conexões de forma rápida e pragmática (pontos que podem ser importantes no mundo “líquido-moderno”), mas da mesma forma e numa intensidade muito maior, facilitam as desconexões, relativizando os significados dos corpos e de suas relações entre si, afetando subjetividades. Nas relações presenciais, por exemplo, tende-se a valorizar parcerias, a ressaltar empenhos mútuos, dificultando a falta de compromisso de uma das partes, o que em nosso entendimento, significa altruísmo e crescimento pessoal. Em sua crítica às consequências humanas oriundas da globalização, Bauman (1999) explicou sobre a falta de significado das distâncias no mundo contemporâneo, pressagiando, conseqüentemente, a falta de significado das localidades ligadas por elas. Entendemos que tais localidades abrigam corpos que, naturalmente, passam também a nada significar. E se eles nada significam, as relações entre eles também nada valem, passando assim, a ocorrer uma “nova polarização”. Nas próprias palavras de Bauman (1999, p. 25):

em vez de homogeneizar a condição humana, a anulação tecnológica das distâncias temporais/espaciais tende a polarizá-la. Ela emancipa certos seres humanos das restrições territoriais e torna extraterritoriais certos significados geradores de comunidades - ao mesmo

tempo que desnuda o território, no qual outras pessoas continuam sendo confinadas, do seu significado e da sua capacidade de doar identidade. Para algumas pessoas ela augura uma liberdade sem precedentes face aos obstáculos físicos e uma capacidade inaudita de se mover e agir a distância. Para outras, pressagia a impossibilidade de domesticar e se apropriar da localidade da qual têm pouca chance de se libertar para mudar-se para outro lugar. Com as “distâncias não significando mais nada”, as localidades, separadas por distâncias, também perdem seu significado. Isso, no entanto, augura para alguns a liberdade face à criação de significado, mas para outros pressagia a falta de significado. Alguns podem agora mover-se para fora da localidade - qualquer localidade - quando quiserem. Outros observam, impotentes, a única localidade que habitam movendo-se sob seus pés.

Na modernidade líquida temos a impressão de que os objetos originais ou concretos não têm mais um papel tão importante, sendo este ocupado pelas imagens, por isso verificamos uma recriação de realidades, ou seja, as realidades virtuais. Mrech (2003, p. 123) elucida que “objetos originais adquiriram um estatuto de coisa simbólica inscrita através da linguagem. O objeto concreto foi abandonado (...)”. Tal sensação de preferência dos indivíduos pela imagem frente o objeto (o virtual frente o real), pôde ser identificada no fórum virtual de debates que participamos no método EAD. Assim, relatamos um caso - que pode ilustrar nossa ideia - no qual um aluno-distante digitou que sua ausência dos diálogos por alguns dias se deveu a um vírus - e aqui se trata, mesmo parecendo irônico, de algo real que lhe atingiu fisiologicamente e não o seu computador. O referido aluno (que era bastante participativo) afirmou que não houve (no fórum) nenhuma pergunta por parte dos demais adeptos sobre qual seria seu estado de saúde. Afirmou ainda, que se ausentou por uma semana, mas que ao retornar, buscou na plataforma virtual alguma mensagem de seus colegas que pudesse retratar alguma preocupação ou sensibilização com caso. Algo do tipo: “*onde está fulano? Faz tempo que ele não aparece por aqui...*”. Mas ele nada encontrou. Talvez tenham lido que ele estava com problemas de saúde, talvez não, enfim, ninguém o viu (leu) por certo tempo. Mas quem via antes? Respondemos: ninguém

via, pois “no ciberespaço, os corpos não interessam - embora o ciberespaço interesse, de forma decisiva e inexorável, para a vida dos corpos” (BAUMAN, 1999, p. 27).

Bauman (2005) explica, ainda, que os grupos nos quais os indivíduos, destituídos pelas estruturas de referências ortodoxas, tentam encontrar ou estabelecer hoje em dia, tendem a ser eletronicamente mediados, ou seja, parecem frágeis totalidades virtuais, em que é fácil entrar e ser abandonado. Refletimos se não serão assim as comunidades virtuais. Todos parecem querer ser vistos e entram em inúmeras delas, ou então, encham seus álbuns de fotos anunciando ao mundo o que (não) são ou aquilo que fizeram; buscam ansiosamente algum recado (in)esperado acessando a todo instante, ou ainda, caçam alguma pequena palavra que possa fazer uma simples referência a si próprio. Dessa forma, pensamos que, alheados, os indivíduos contemporâneos encaçam uma “nesga virtual” em algum lugar do ciberespaço, onde possa aparecer que alguém “lembra” ou “precisa deles”.

Portanto, não será compreensível que o virtualismo nas relações educacionais, apesar de suas vantagens, possa transcender o mero recurso de apoio, remetendo também ao tecido social, ao sujeito e suas subjetividades? Bauman (1999, p. 25) completa afirmando que a “interface dos terminais de computadores teve impacto variado nas situações angustiosas de diferentes tipos de pessoas” causando, em boa parte delas, “efeitos psicológicos mais profundos do que nunca”.

O CONTROLE POR MEIO DO “VIRTUALISMO”

Sustentamos que a EAD, por meio do computador (apesar de sua utilidade como um moderno instrumento pedagógico) pode favorecer a um controle excessivo dos alunos. Dentro do método de ensino virtual, passamos a ser uma senha, por vezes também combinada a uma foto. Com essa senha acessamos e marcamos nossa presença. Após isso, o *software* (seja ele qual for) registra todos os nossos passos: onde clicamos, com quem falamos, o que lemos, em que dia e em qual hora. Azambuja e Guareschi (2007, p. 442) explicam que:

o computador é a principal tecnologia que medeia a interação dos agentes envolvidos, é a partir dele que se mapeia cada ato do aluno-distante, desde o momento em que entra na página do curso até o instante em que se retira dela. Para acesso a tal ambiente, ele recebe uma senha. Assim, sabem-se quantas vezes um aluno entra no *site* por dia, quanto tempo permanece, por onde circulou, quais foram os materiais didáticos consultados, as preferências de dias e horários de acesso, quem são os colegas com quem mais interage, tudo isso sendo produzido em um relatório de informações para o professor que pode ser disponibilizado a qualquer momento. É o próprio aluno quem aciona tais relatórios, já que ele mesmo opera dentro dessa estrutura que segue procedimentos precisos, não admitindo que se desenvolvam ações de outro modo e, muitas vezes, não permitindo o conhecimento sobre tais mecanismos de controle. A senha é que vai indicar quando e quais espaços de trocas de informação são passíveis de acesso. É possível, assim, a geração de dados não apenas de um indivíduo, mas também de um grupo, de uma massa, com os pormenores de cada rendimento, estabelecendo-se estatísticas e criando-se padrões para elevar a qualidade.

O computador passa a ser também uma ferramenta, oriunda da criatividade do sistema neocapitalista, com possibilidades controladoras que visam a produção de informações em grande quantidade. E a E@D o insere no contexto educacional, muitas vezes de forma apoteótica, aparentemente despreocupada com as possíveis consequências que podem advir. Belloni (2002) corrobora e diz que o contexto neoliberal selvagem favorece a expansão de iniciativas mercadológicas de larga escala, colocando no meio educacional produtos de baixa qualidade. E é aí que se insere a EAD, combinando tecnologia a técnicas de gestão e marketing. Assim, o controle e a produção de dados - divulgados e mascarados pelas artimanhas da propaganda - parecem ser estratégias do momento.

A tais argumentos, acrescentamos que, nos dias de hoje, não ligamos mais apenas a *TV* para termos informações, mas também o *PC* para darmos informações. O controle já não é mais sutil; torna-se óbvio... e quanto mais óbvio, parece mais encoberto. Indivíduos, aos milhões, expõem suas vidas nas telas do computador, assumindo uma “necessidade” de serem controlados. Nos sites

de relacionamento virtual, nossa história, nossos momentos íntimos, nossa formatura, nossas festas, nossos filhos, nossos beijos, nossas viagens. Todos os pormenores estão lá, detalhadamente contados. A comunicação por meio da fala mostra-se enfraquecida. Já não é tão necessário “dizer” ao seu amigo, ele já sabe tudo, pois viu no seu Orkut. Bauman (2008, p. 08-09) afirma que:

No cerne das redes sociais está o intercâmbio de informações pessoais. Os usuários ficam felizes por revelarem detalhes íntimos de suas vidas [...], fornecerem informações precisas e compartilharem fotografias [...] a vida social já se transformou em vida *eletrônica* ou *cibervida*, e a maior parte dela se passa na companhia de um computador (...) e apenas secundariamente ao lado de seres de carne e osso (...).

Ressaltamos também que toda essa virtual cultura do “conheça tudo sobre mim em apenas alguns cliques” aparece entranhada na instituição escolar. Entre alunos adolescentes, conversar sobre *blogs* ou o *Orkut* torna-se mais do que natural, é quase uma obrigação. E a vergonha caça aqueles que ousam não ter o seu perfil estampado lá para que todos o vejam, o descubram e o controlem. Em nossa prática cotidiana escolar é comum observarmos o espanto, a surpresa por parte dos adeptos, quando descobrem que um colega, ou mesmo o professor, ainda não tem um outdoor virtual detalhado. E quando tem, a pressão é para que o mantenham atualizado com novas fotos e informações. Mas isso já é, diríamos, quase trivial: o indivíduo líquido-moderno não pode ficar defasado ou “fora da moda”. Se todos têm, usam ou fazem algo, temos que agir da mesma forma.

Face ao exposto, acrescentamos que o controle da EAD acompanha o aluno-distante em seu cotidiano, indo além do ambiente virtual. O controle passa a exercer uma influência extraterritorial, sendo observável nas preocupações dos adeptos - principalmente nos momentos em que estão longe das máquinas - sobre a necessidade em “ter que acessar”. Em um grupo de usuários que se conheciam pessoalmente, escutamos frases que relatavam inquietações ou “ideias fixas” sobre acessos à plataforma

virtual, para que se registrasse uma participação própria mais efetiva em um maior número de vezes que os demais colegas. Em alguns momentos, parecia não haver preocupação com a qualidade das inserções virtuais de comentários para os debates. Os alunos acumulavam suas ideias e as inseriam gradativamente (e em horários diferentes), de forma a ter um número maior de inserções no fórum, para que ocorresse uma -melhor- avaliação por parte do tutor.

Assim, esboçava-se claramente uma emulação numérica particular, que visava exclusivamente a quantidade. Nesses momentos, o método convidava à competição por meio de um mórbido processo de rivalidade virtual, que se concretizava em um ambiente real, estampado na alienação de um grupo de alunos-distantes que eram controlados de uma forma indefinível pelo virtualismo. Azambuja e Guareschi (2007, p. 443) sustentam que:

esse processo de controle por modulação ganha em abrangência e flexibilidade, funcionando por ondulação, modificando-se constantemente, acompanhando o aprendiz esteja onde ele estiver. [...] Não se visualiza a central controladora, porém a modulação da subjetividade se produz, colocando o indivíduo em competição com os outros em torno dos objetivos e resultados a serem atingidos, que vão se alterando para cada um deles, conforme a avaliação continuada. A lógica predominante é a de que, quanto mais se produz e produz-se a si próprio, mais se ganha. Com tempo e espaço estendidos, a qualquer momento pode-se produzir mais, aumentando-se a motivação na superação das metas. Não é mais como na sociedade disciplinar, em que o intento estava em constituir os indivíduos em um só corpo, pois agora a questão é colocá-los em motivação ao trabalho, ao estudo, etc. por rivalidade, rivalidade que retorna para o indivíduo em si mesmo, dividindo-o.

A avaliação adquire uma forma que não é mensurável, e o controle parece atingir sua plenitude, fazendo com que o indivíduo aja de acordo com as necessidades da produtividade sem que a “central observadora” esteja, necessariamente, vigiando. Passa a existir então uma “imponderabilidade do poder” (BAUMAN, 1999, p. 26), isto é, a densidade do poder estabelecido nas redes relaciona-se à sua incorporeidade, ou seja, é extraterritorial e livre do físico - mesmo com o tutor fisicamente localizado

atrás das telas, pois, virtualmente, nunca se sabe onde e quando ele pode estar “clikando e vigiando”.

Outro ponto curioso sobre o controle também deve ser registrado. Em alguns momentos de nossa experiência com o método era possível não sermos controlados e podíamos, assim, estudar sem a desagradável sensação de vigília. O *software* utilizado fornecia-nos a possibilidade de participar de fóruns por meio exclusivo da leitura, ou seja, o programa enviava as postagens dos demais participantes, automaticamente, ao nosso endereço eletrônico (*e-mail*). Assim, líamos os conteúdos dos fóruns sem acessar a plataforma com a senha. O ambiente virtual passava a favorecer outro tipo de controle: o realizado pelo estudante. O aluno podia “estar” na aula lendo e observando tudo, mas sem ser vigiado por ninguém, nem mesmo pelo tutor. Entretanto, ele era avaliado como se não tivesse participado dos debates, pois, no fim do curso, os relatórios de sua avaliação constatavam, matematicamente, em gráficos e estatísticas, a sua ausência nos fóruns em todos os momentos em que ele acessava-os por meio de seu endereço eletrônico. O aluno participava da aula lendo, mas não ganhava “presença” e perdia “pontos”. Verificamos assim, que o sistema é incapaz de qualificar o desempenho de cada um. Então, além das possibilidades favorecidas pelo método de aprendizagem a distância, são também notáveis suas lacunas.

O controle também pode se apresentar por excesso de proteção. Se a escola presencial, muitas vezes, é considerada como uma clausura por determinados alunos, numa proporção semelhante, a EAD também parece agir como uma prisão, mas sem muros. Serres (citado por Kenski, 2006, p. 55), defende que a escola virtual mostra-se “como forma de libertação do aluno de ter que suportar as relações violentas e brutais dos pátios do recreio, e do sufoco dos vaivens pendulares para e da escola, nas grandes cidades congestionadas”.

Temos, então, uma proposta controladora de enclausuramento? Verificamos que, a despeito de suas vantagens, o lado alienante do aparato tecnológico contemporâneo apresenta-se como uma (pseudo) solução contra as adversidades

oriundas de si mesmo. Detalhando nosso entendimento, seus defensores colocam a máquina e o virtualismo como protetores das crianças cada vez mais incapazes de resolverem por si só os problemas encontrados no mundo. Contudo, entendemos que tais problemas, não raras vezes, são oriundos da própria aceleração tecnológica, que é convidativa por seus inúmeros elementos internos (sons, cores, velocidade etc) e que, por vezes, envolve excessivamente o homem.

Sendo assim, observamos um estímulo à produção de indivíduos pouco resilientes, ou seja, indivíduos cada vez mais inseguros ou despreparados para os embates da vida, pois as adversidades encontradas na escola - e aqui citamos as do próprio recreio escolar, por exemplo, e que não serão encontradas no ensino a distância da mesma forma - podem servir como um preparo para os enfrentamentos da vida, que é real e não virtual.

Portanto, observamos que, para seus estudiosos, se existem perigos no recreio da escola, basta utilizar o método a distância (a escola virtual) e tudo “parece solucionado”. Será mais cômodo isolar o jovem frente a tela, ao invés de orientá-lo a enfrentar e superar tais dificuldades? Bauman (1999, citando WERTHEIM, p. 26) explica que:

nestes tempos de desintegração social e ambiental, os prosélitos atuais do ciberespaço proferem seu domínio como um ideal “acima” e “além” dos problemas do mundo material. Assim como os cristãos primitivos proclamavam o paraíso como um reino no qual a alma humana seria libertada das fraquezas e deslizos da carne, hoje os campeões do ciberespaço saúdam-no como um lugar onde o eu será libertado das limitações da encarnação física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sustentamos que a tecnologia tenta fabricar um “espetacular mais espetacular” do que própria realidade. O mundo virtual se enaltece nas próprias intensidades, isto é, na exacerbação das cores, das formas, e no dinamismo e velocidade de suas funções. Todavia, parece também deixar várias lacunas. O professor, que pareceu perder em alta ve-

locidade sua legitimidade e o “direito inquestionável” em decidir sobre o “bem viver”, exercido na modernidade sólida (BAUMAN, 2002), passa também a estar mais afastado de seus alunos. E isso vem, nos últimos anos, autenticado por uma proposta que o coloca mais distante (na penumbra do processo), mas que afirma que ele está ali virtualmente - “prontinho” para tirar dúvidas - num fórum de debates, por vezes, dividido com centenas de outros indivíduos.

A escola virtual, então, parece nos fazer acreditar que, para educar, basta apenas uma “boa metodologia”. O excesso racional moderno, mais uma vez, na sua ânsia por ordenação, tenta desqualificar o sujeito (professor) diante da excelência e infalibilidade de um método de ensino. O que observamos ocorrer é que, cada vez mais, há uma descentralização da função da escola presencial (e do professor), pois as fontes de informação oriundas das TIC`s parecem se apresentar mais atraentes ou habilidosas na transmissão das mensagens. Cabe lembrar, com palavras mais simples, a questão apresentada por Moreira e Kramer (2007), no início deste trabalho: quais serão as consequências de todo este cenário?

Assim, se Bauman desenvolve ao longo de sua vasta obra argumentos que defendem uma teoria de que a fase desestabilizada e “líquida” da modernidade é causada pela intensa busca pela ordem, muitas vezes por meio de excessos científicos racionais e metodológicos, arriscamos a dizer que ele também atribuiria o termo “educação líquida” para identificar o método a distância, afinal, suas consequências parecem também poder desestruturar os sujeitos. Independente de nossa suposição, entretanto, seus próprios estudiosos já afirmam que a escola virtual é “Fluída [...]” (KENSKI, 2006, p. 55). Então, para “desafogarmos” essa situação, aumentamos o velho e bom Roger Waters, no som imortal do Pink Floyd^b: “*We don't need no (liquid) education*”.

Enfim, para compreendermos as mutações tecnológicas contemporâneas e podermos atuar nelas com propriedade, torna-se imprescindível que se revelem e se analisem experiências positivas e negativas. Por isso, intentamos algo que possa causar certa inquietação no usuário e que desequilibre

o pensamento hegemônico sobre o virtualismo que costuma tender para uma “divinização”. Esse pensamento de fetiche demonstra coagir nossas subjetividades. Urge que a sociedade avalie o que significa estar diante de um mundo globalizado e de uma revolução dos meios de comunicação e informação. Tal revolução, pela importância que apresenta, necessita ser pensada e colocada de forma cautelosa à Educação. E esta, pelas suas peculiaridades, principalmente subjetivas, merece um trato sensível e *real* muito maior que técnico e *virtual*.

LIQUID EDUCATION?

THE DE METHOD AND THE VIRTUALISM IN AN EDUCATIONAL CONTEXT: A DIALOGUE WITH ZYGMUNT BAUMAN.

Abstract

This paper aims to analyze an experience with Distance Education (DE) method. It tries to reveal how the human relation frangibility and the control were involved in the matter. The reflections were supported by the humanist sociology contemporary of Zygmunt Bauman.

Keywords: DE. Relation-ship. Control.

NOTAS

- 1 Tal processo de expansão já demonstra ser contido por órgãos governamentais responsáveis pela avaliação do método, como mostra matéria publicada no jornal O Globo (on-line) em 18/11/2008. http://oglobo.globo.com/educacao/mat/2008/11/18/mec_desativa_1_337_centros_de_ensino_distancia-586443424.asp
- 2 “Nós não precisamos de educação”, Roger Waters, Pink Floyd (1979), EMI: Álbum The Wall.

REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, M. A. de, GUARESCHI, N. M. de F., Devir Vírus. In: **Revista do Departamento de Psicologia** - UFF, v. 19 - n. 2, 2007, p. 439-454.

BAUMAN, Z. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. Desafios educacionais da modernidade líquida. In: *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 148, p. 41-58. jan/mar, 2002.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. *Amor líquido: sobre as fragilidades dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

_____. *Vida para Consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BRACHT, V, ALMEIDA, F. Q. de. *Emancipação e diferença na educação: uma leitura com Bauman*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

BELLONI, M. L. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. In: *Educação & Sociedade*, ano XXIII, n. 78, Abril, 2002.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo, Ed. UNESP, 1991.

KENSKI, V. M. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MOREIRA, A. F. B; KRAMER, S. Contemporaneidade, educação e tecnologia. In: *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1037-1057, 2007.

MRECH, L. M. *Psicanálise e Educação: novos operadores de leitura*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

Enviado em 07 de março de 2010
Aprovado em 12 de março de 2010